

O ASPECTO GERACIONAL COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO RELACIONADAS AO TRABALHO

THE GENERATIONAL ASPECT AS A FACTOR OF INFLUENCE IN THE CONSTRUCTION OF GENDER IDENTITIES RELATED TO WORK

Daniel Perticarrari^(*)
Fernanda Flávia Cockell^(**)

RESUMO

A pesquisa teve como objetivo estudar a resignificação ou reiteração das identidades de gênero, tendo como recorte a inserção geracional no mundo do trabalho. Foram entrevistados quarenta e dois trabalhadores metalúrgicos da cidade de São Carlos-SP, Brasil (sendo trinta homens e doze mulheres), recuperando suas trajetórias de vida e trabalho bem como suas atribuições de gênero, no espaço fabril e doméstico. Foi possível verificar um recorte geracional que delimita a posição dos trabalhadores em relação à divisão do trabalho e sua expectativa em relação à sua identidade de gênero. Os trabalhadores mais velhos (com mais de 40 anos de idade), ainda vêem no mercado de trabalho formal, estável e com carteira assinada, a via de acesso privilegiada na estruturação laboral/familiar e na construção e valorização da identidade masculina. Entre os trabalhadores na faixa dos 30 aos 39 anos de idade verificou-se a presença de um discurso de maior igualdade entre homens e mulheres. Finalmente, observou-se que trabalhadores jovens (com até 29 anos de idade) têm maior propensão a se inserir de maneira mais ampla na lógica de transformações do capitalismo flexibilizado, marcada pela instabilidade nos trajetos laborais.

Palavras-chave: trabalho, subjetividade, gênero, diferença geracional, identidade, masculinidade.

ABSTRACT

The research had as objective to study the re-meaning or reiteration of the gender identities, having as cross section the generation insertion in the world of the work. Forty two metallurgic workers of São Carlos, SP, Brazil (being thirty men and twelve women) had been interviewing, recovering the trajectories of life and work and their gender attributions, in the industrial and domestic space. It was possible to verify a generation cross section that delimits the position of the workers in relation to the work division and their expectation on their gender identity. It has been noticed that the oldest workers (with more than 40 years old), still see in the formal job market (with steady work and labor register) the privileged way of access in the labor and familiar structuring and the construction and valuation of the masculine identity. Presence of a speech of bigger equality between men and women was verified in workers between 30 to 39 years old. Finally, it was observed that young workers (until 29 years old) have greater propensity to insert themselves in the logic of transformations of flexible capitalism, marked for the instability in the labor trajectories.

Key words: work, subjectivity, gender, generational difference, masculine identity,

(*) Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos, e-mail: dperticarrari@yahoo.com.br

(**) Doutoranda em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos, e-mail: fecockell@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

As reflexões que se seguem neste artigo⁽¹⁾ têm como objetivo possibilitar uma discussão acerca da percepção operária, privilegiando o cotidiano vivenciado por trabalhadores da indústria metalúrgica da cidade de São Carlos, enfatizando suas concepções, idéias e representações sobre suas próprias vidas, seus sentimentos e percepções em torno da divisão sexual do trabalho e dos processos de entendimento a respeito da construção da identidade masculina.

Os resultados encontrados sugerem (e isso já foi evidenciado pela literatura) uma sociedade heterogênea, em processo de mudança (ainda que lenta), onde coexistem diversas modalidades de relações de gênero e trabalho bem como na forma de conceber e atuar dos atores envolvidos em tal mecanismo. Mesmo dentro de determinada classe, setor, ou ramo de trabalho, como no nosso caso em específico, o de trabalhadores metalúrgicos da Cidade de São Carlos, fica evidente a diversidade de arranjos e subjetividades. Não obstante, ficou evidente que, no caso dos nossos entrevistados, tais subjetividades indicam uma diferença geracional clara e que denota um processo de mudança — no que diz respeito às relações de gênero — dentro do contexto das transformações do mundo do trabalho.

Dessa forma, para efeito de uma maior clareza analítica, são apresentados três grupos de subjetividades distintos, que mais se destacaram e que indicam um maior ou menor grau de modificação dos pontos de vista em relação à masculinidade convencional e à divisão sexual do trabalho recente: O discurso tradicional de trabalhadores com mais de 40 anos; o discurso de igualdade e flexibilidade de trabalhadores com até 29 anos; e o discurso híbrido de trabalhadores entre 30 e 40 anos. É evidente que a apresentação destas três ‘categorias’ tem uma função eminentemente explicativa, em que se encontrarão biografias de entrevistados que refletem fielmente um desses três modelos de trabalhadores em suas subjetividades e casos nos quais as características se encontram de maneira um pouco combinada a outras formas de relações. O interessante é ressaltar que se trata de categorias abstratas que agregam determinadas características em comum extrapoladas para efeito de análise.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

A abordagem de nossa pesquisa teve um cunho qualitativo, de maneira que nosso intuito não foi alcançar qualquer representatividade empírica, mas sim compreender as representações de um determinado grupo (trabalhadores metalúrgicos da cidade de São Carlos), analisando seus aspectos principais, bem como as relações estabelecidas entre os diferentes atores, no intuito de apreender seus valores, suas idéias e concepções.

(1) Este artigo fez parte da tese de doutorado intitulada “Foi com o trabalho que me tornei homem”: trabalho, gênero e geração (PERTICARRARI, 2007), sob orientação do professor doutor Jacob Carlos Lima, no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, com apoio da Capes.

Para tanto, foram feitas entrevistas⁽²⁾, utilizando como referencial um questionário semi-estruturado (com perguntas em formato de teste junto a outras questões abertas) com quarenta e dois trabalhadores metalúrgicos da cidade de São Carlos (sendo trinta homens e doze mulheres) que buscou contemplar as informações mais relevantes acerca do perfil histórico e social do entrevistado como, por exemplo, a família de origem, profissão dos pais, idade, estado civil, condição do entrevistado na unidade familiar (quem era o chefe de família), história pregressa da família quanto ao trabalho e à estrutura familiar, salário, salário do cônjuge, escolaridade do cônjuge, divisão das tarefas domésticas e atribuições dos papéis de gênero. O questionário abarcou, também, elementos sobre o processo de trabalho, assim como a relação do entrevistado com os atores envolvidos, especialmente do sexo oposto. As configurações mais recentes do trabalho doméstico bem como a percepção dos trabalhadores sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho e a influência desses processos na construção da identidade masculina, foram temas de investigação.

A abordagem junto aos entrevistados concebeu, também, outros elementos que não estavam no questionário, de forma que não nos limitamos a perguntas rígidas ou condições prefixadas, o que possibilitou aos entrevistados responder com suas próprias palavras da maneira como lhes convinha, cabendo-nos orientar o diálogo de acordo com nossas expectativas (MINAYO, 1992).

Todas as entrevistas foram, então, gravadas com o consentimento dos entrevistados, em aparelho digital de voz, o que permitiu certa fluidez no andamento da entrevista. Em seguida, as entrevistas foram transcritas em formato *Word* e tabeladas no programa *Excel*. Como intuito de resguardar as informações obtidas de maneira o mais fiel possível e com o menor viés, assim como de assegurar a confidencialidade das identidades dos trabalhadores, foi pedido que estes sugerissem outros nomes no lugar dos nomes reais (alguns sugeriram apelidos) de forma que todos os nomes de entrevistados que aparecerão nesta tese são fictícios e sugeridos pelos próprios entrevistados. Além disso, para efeito de um maior entendimento, fluidez e clareza, houve o reparo dos principais erros de português da fala dos entrevistados sem, contudo, alterar seu teor.

Por fim, ressalta-se que limitamos o número de trabalhadores entrevistados em quarenta e dois, quando percebemos que as informações obtidas ao longo das entrevistas começaram a se repetir em conteúdo, nada mais acrescentando ao nosso trabalho (GONDIM & LIMA, 2002), o que delimitou o tamanho da amostra.

O RETRATO DO GRUPO

Foram entrevistados quarenta e dois (42) trabalhadores da indústria metalúrgica da cidade de São Carlos, no interior de São Paulo (todos residiam no município de São Carlos).

(2) Estabelecemos contato direto com o sindicato dos metalúrgicos de São Carlos, por intermédio de seus diretores. Um desses diretores havia cursado Ciências Sociais na UFSCar e se mostrou altamente atencioso em resolver nossos problemas de pesquisa. Esse foi nosso “porteiro”, a pessoa que nos intermediou junto aos funcionários de várias fábricas metalúrgicas da cidade de São Carlos. A intermediação ocorreu via contato direto com os trabalhadores na porta das fábricas (uma fábrica de motores automotivos, uma de eletrodomésticos de linha branca e uma fábrica de compressores herméticos) no período de troca de turnos e pela abordagem direta de nosso porteiro, o diretor do sindicato, onde eram agendadas entrevistas a serem feitas em local de escolha dos entrevistados.

Destes, trinta (30) eram homens e doze (12) eram mulheres. As idades variaram entre vinte e dois (22) anos e cinquenta e um (51) anos. Destes, 14 trabalhadores (sendo, quatro mulheres), tinham mais de 40 anos de idade; 20 trabalhadores (sendo seis mulheres) tinham entre 29 e 39 anos de idade e; 8 entrevistados (sendo duas mulheres) tinham entre 22 e 28 anos.

Em relação às suas funções, com exceção de uma mulher, que trabalhava no setor administrativo, todos os outros quarenta e um entrevistados ocupavam funções de chão-de-fábrica (24 eram montadores, sendo oito mulheres, 12 eram operadores de máquina e/ou de manufatura, dos quais, duas eram mulheres. Havia ainda, um testador de motor, uma mecânica, um inspetor de qualidade, um eletricista de manutenção e um chefe de manutenção). Na tabela 1 podemos comparar as funções dos entrevistados segundo o sexo e a faixa etária.

Tabela 1
Perfil dos metalúrgicos entrevistados em relação às suas funções

Funções	Homens			Mulheres		
	Até 28 anos	Entre 29 e 40 anos	Mais de 40 anos	Até 28 anos	Entre 29 e 40 anos	Mais de 40 anos
Montadores	3	7	6	-	5	3
Operadores de máquinas/manufatura	2	5	3	-	1	1
Inspetor de qualidade	-	1	-	-	-	-
Eletricista de manutenção	-	1	-	-	-	-
Chefe de manutenção	1	-	-	-	-	-
Testador de motor	-	-	1	-	-	-
Mecânico	-	-	-	1	-	-
Auxiliar financeiro	-	-	-	1	-	-
Total	6	14	10	2	6	4

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

O nível de escolaridade dos nossos entrevistados variou entre o primeiro grau completo ao ensino superior completo, sendo maior entre os homens mais jovens, seguido das mulheres mais jovens e homens entre 29 e 40 anos de idade. Os homens e mulheres mais velhas tinham os níveis de escolaridade mais baixos, respectivamente conforme descrito na Tabela 2.

Tabela 2
Perfil dos entrevistados em relação à escolaridade

Escolaridade	Homens			Mulheres		
	Até 28 anos	Entre 29 e 40 anos	Mais de 40 anos	Até 28 anos	Entre 29 e 40 anos	Mais de 40 anos
Primeiro grau completo	-	-	2	-	-	1
Segundo grau incompleto	-	1	1	-	2	-
Segundo grau completo ou técnico	1	8	7	1	4	3
Superior incompleto	3	4	-	-	-	-
Superior completo	2	1	-	1	-	-
total	6	14	10	2	6	4

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa.

Os salários médios ficaram na casa dos 1100 reais (pouco mais de três salários mínimos, nos valores de abril de 2007) entre os homens e 850 reais (quase dois salários mínimos e meio nos valores da mesma data) entre as mulheres. Cabe ressaltar, contudo, que comparativamente, nossa amostra, agrega mais homens com maiores níveis de escolaridade do que mulheres e que o salário médio pago aos trabalhadores que exerciam a função de montadores eram os mais baixos da amostra, cerca de 500 reais (os montadores representaram 53% dos homens e 66% das mulheres). Em termos de idade, os maiores salários dos homens se concentraram entre os trabalhadores entre 29 e 39 anos, e entre as mulheres os maiores salários foram das entrevistadas mais jovens (uma trabalhava na área administrativa e tinha o nível superior completo, e outra era mecânica e tinha curso técnico).

Em termos de estrutura familiar, entre os entrevistados mais velhos, todos são casados e com filhos. Destes, todos os homens afirmaram ser chefes e provedores de suas famílias e as quatro mulheres disseram que seus maridos é que desempenham essa função. Dos oito trabalhadores entrevistados, com até vinte e oito anos de idade, um homem e uma mulher são casados e já têm filhos, os demais se disseram solteiros. Destes, como veremos adiante, a idéia de chefe de família é mais difusa, e ninguém se disse chefe de família. Na categoria que compreende trabalhadores entre vinte e nove e quarenta anos de idade, dez homens e cinco mulheres são casados. Entre eles, todos os homens se consideram chefes de família e as mulheres disseram que seus esposos é que são os chefes de suas famílias. Além disso, a única mulher separada se diz chefe de família e os demais homens solteiros disseram que seus pais eram os chefes da família.

A RELAÇÃO DE TRABALHO REGULAR: O MODELO DE HOMEM PROVIDOR

Um dia normal de uma família feliz tem um pai presente que toma café da manhã com toda a família. Depois sai para trabalhar. A mãe toma conta do lar. Na hora do almoço

todos sentam à mesa e discutem a relação. Os filhos vão para a escola. O pai é calmo e não bebe. Um pai trabalhador que sabe sustentar a sua família (Renata, 45 anos, operadora de máquina).

Pudemos encontrar um grupo de trabalhadores, cujas trajetórias, no que diz respeito à divisão do trabalho doméstico e a percepção acerca da masculinidade se inscrevem quase que perfeitamente nos cânones prescritos pelos modelos de relação “normal”⁽³⁾. Segundo (GODOY, 2001), esta modalidade de relação de trabalho é própria do capitalismo industrial e encontra seu apogeu no sistema *taylorista-fordista*.

O *taylorismo/fordismo* foi fundamental na imposição de como o trabalho deve ser executado e junto ao crescimento da burocracia e ao aumento da hierarquia, impunham certas características que exigiam do trabalhador uma vida regular, ou seja, uma vida pessoal regulada pela lógica da fábrica, estabelecendo um comportamento adequado às necessidades industriais como limites mínimos de garantia da produtividade da força de trabalho, o que disciplinava a sociedade pelo horário da fábrica (HARVEY, 1993). Nesse mix histórico é razoável supor que se cultivasse o ideal de um homem devotado à família, líder desta, responsável por essa.

Esse ideal de valores constrói homens enquanto bons provedores. “A ação conjunta das instituições modernas constituía e garantia as bases sociais do modelo viril emergente” (OLIVEIRA, 2004, p. 49). Nesse contexto as funções da mulher são delimitadas ao solo doméstico e edificadas sob o símbolo de mãe, educadora, provedora de afeto, carinho.

Inseridos nesse ideário, encontramos entre nossos entrevistados, quatorze (14) trabalhadores, sendo dez (10) homens e quatro (4) mulheres, que se inscrevem dentro desse tipo de modelo familiar tradicional, que neste caso ainda é idealizado como o modelo *certo* a ser seguido. Entre as principais características desse tipo de relação podemos destacar: a) todos têm, no mínimo 40 anos; b) o trabalho do marido e seu salário são considerados como responsáveis pelo sustento de toda a família; c) o trabalho doméstico é considerado um afazer essencialmente feminino; d) a masculinidade se constrói, basicamente, pelo trabalho economicamente produtivo do homem.

Segundo *Agnelli et al.* (2007), a idéia de família em nossa sociedade geralmente estrutura-se sobre três partes: o casamento (o homem e a mulher), a casa (o lar) e os filhos. As obrigações fundamentais que compõem este universo moral familiar fundado em princípios de valores burgueses compõem: a) o pai mediador entre a família e o mundo externo, reafirmando a tradicional autoridade masculina. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar, respondendo pela família. Os problemas econômicos ou de

(3) Em “Os anormais”, *Foucault* (2001) falava do poder de inclusão, em que a norma é um elemento a partir do qual certo exercício de poder se acha fundado e legitimado e que traz um princípio de qualificação e correção. Um princípio de valor que julga cada indivíduo pra saber se ele é, como diz o autor, conforme a regra. *Miskolci* (2005) demonstra como a família burguesa foi fundamental enquanto instrumento de controle social e regulação econômica, em que se dá a primeira diferenciação entre o normal e o anormal, de maneira que toda a dissidência com o modelo economicamente produtivo e biologicamente reprodutivo passaria a ser classificada como desvio. Na fala acima, o dia “normal” de nossa entrevistada pode ser visto como um ideal, uma vez que a mesma é divorciada, trabalha como metalúrgica, sustenta a casa, além de seu ex-marido ser considerado por ela um “alcólatra anormal”. Para *Miskolci* (2005), a norma desvaloriza o existente para corrigi-lo, ou seja, nenhuma regra é neutra, antes implica referência a um valor, o que no caso de nossa entrevistada foi considerada como uma natureza corrompida ou uma falha do marido enquanto homem provedor.

recursos geralmente são considerados uma falha do pai enquanto homem; b) a mãe que cuida de todos e zela pelo funcionamento da casa. A autoridade feminina vincula-se à valorização da mãe, num universo simbólico onde a maternidade completa a mulher; c) o casal que demonstra afetividade um pelo outro. Eles não brigam ou discutem, não têm momentos de preocupação, de tristeza e mau-humor; d) os filhos, cujo papel é a retribuição moral aos pais, sendo obedientes, respeitosos, honestos e, principalmente, futuros trabalhadores.

Essa foi a composição familiar mais mencionada entre nossos entrevistados com mais de 40 anos e subjacente a ela e como forma de protegê-la pudemos perceber, também, características como a lealdade para com o trabalho, a pontualidade, o compromisso com a empresa, ou seja, comportamentos laborais específicos no sentido de respaldar e sustentar a estrutura familiar que pressupõe uma divisão sexual do trabalho clara, que compõem o trabalho produtivo como âmbito masculino e o reprodutivo na esfera feminina. Esta divisão traz a prerrogativa aos homens de dedicar-se a uma jornada exclusiva ao desempenho de seu trabalho. Ao contrário, veremos posteriormente que, entre nossas entrevistadas coube uma dupla jornada aceita de bom grado, praticamente acolhida e aceita como função natural.

O HOMEM PROVIDOR

Foi possível perceber entre nossos entrevistados com mais de 40 anos, que o prestígio acumulado economicamente pelos homens compensaria de forma plena qualquer perda ocasional de prestígio sexual. “A sua masculinidade está alicerçada no sucesso e no trabalho e plasma-se com a de pessoa respeitável” (VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 55), isto é, o que lhes garante prestígio no mercado de bens simbólicos, para citar *Bourdieu* (1999), ainda se sustenta na capacidade masculina de ser o chefe da família, moralmente autoritário e responsável economicamente pela família. Nesse caso, “se o trabalho e o *status* social são importantes para a definição da identidade social, são-no também para a masculinidade” (VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 57). Pudemos perceber que para grande parte dos nossos entrevistados com mais de 40 anos a masculinidade atrela-se a essas responsabilidades:

Eu trabalho desde os sete anos de idade. Já comprava a minha roupa. Foi com o trabalho que eu me tornei um homem realmente. Comecei a dar valor no que tinha (Fernando, 41 anos, montador).

De acordo com *Jimenez & Lefèvre* (2004), para o homem, o trabalho sob a forma de emprego formal e institucionalizado assumiu nas sociedades modernas a representação de via de acesso a um lugar no campo social e, nesse sentido, a perda do emprego e a necessidade em assumir tarefas domésticas não significariam a perda, simplesmente, do dinheiro no fim do mês, “mas a de um lugar na rede social e de uma identidade associada a esse lugar”.

Se eu ficar desempregado e não arrumar alguma coisa para nos manter é porque não tive coragem de trabalhar. E se não tive coragem de trabalhar é porque não sou

homem. É o trabalho que dá o sustento da minha família. Se eu não puder fazer isso [trabalhar], o que eu vou ser? Nada! (André, 44 anos, montador).

Nesse caso, o trabalho tem demonstrado ser uma das formas mais importantes dos trabalhadores ratificarem sua masculinidade surgindo como uma fonte de prestígio, dada a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. O contrário (essa perda de referência por meio do desemprego) passa a se erigir como um sofrimento de modo que reivindicação de papel de provedor acaba se tornando uma prerrogativa e a angústia reside na não possibilidade de assumir seu papel de gênero.

Para um dos entrevistados o ato de assumir uma dívida e ter que honrar com a mesma por meio do suor de seu trabalho foi o principal motivo de afirmação de sua masculinidade.

Eu me senti homem quando eu assumi uma dívida de um carro lá em São Paulo junto com meu pai, que eu paguei meio a meio. Depois eu vendi o carro. Foi na hora que eu comprei um carro que eu mostrei para mim que eu tive atitude de homem, responsabilidade. E eu comprei um fogão para minha mãe. E quando eu comprei o carro eu falei “graças a Deus isso aqui é meu”, aí que eu vi que era digno, homem, porque eu começava a sustentar a minha família (Severino, 42 anos, testador de motor).

Concebido dessa maneira, o trabalho remunerado é um território especificamente masculino, um espaço simbólico masculino, apesar da presença crescente de mulheres no mercado de trabalho. Nesse sentido, ele deixa clara a separação que deve existir entre trabalho e vida familiar e que não se deve levar preocupação com a vida familiar para o trabalho:

A função do homem é administrar a parte financeira e o trabalho e a mulher cuidar dos filhos. E se a mulher fica em casa, qual é a obrigação dela? Cuidar da obrigação dela. Se eu estou trabalhando lá fora é para dar do bom e do melhor para minha família. Se minha mulher trabalha em casa é para dar do bom e do melhor para mim. Roupa bem passada. Camisa ‘engomadinha’. Cuidar do marido dela, cuidar dos filhos. Se eu estou lá fazendo a minha parte, ela tem que fazer a parte dela em casa (Severino, 42 anos, testador de motor).

Como demonstra *Potuchek* (1997), o provedor se refere à pessoa segundo o qual trabalhar é uma obrigação e que, obviamente, deixar de fazê-lo não é uma opção. Assim como Severino, Cláudio insiste que as esferas domésticas e de trabalho não se devem mesclar.

Quando chego no trabalho, esqueço totalmente dos problemas lá de casa [familiares], ou pelo menos tento. Isso aqui é minha vida, é o que garante o sustento da minha família, portanto se perder esse emprego vou comprometer toda a vida da minha esposa e dos meus filhos (Cláudio, 48 anos, operador de máquina).

A realidade social em termos de dificuldade de acesso ao mercado de trabalho tem colocado o homem em confronto com a complicada tarefa de manter-se no papel de provedor familiar exclusivo, o que dá uma conotação ainda mais importante ao estudo formal como forma de garantia à entrada no mercado de trabalho. Há que se avaliar, como fizeram *Jimenez & Lefèvre* (2004), que o homem é considerado “respeitável” em muitos casos (e isso se repetiu entre os nossos entrevistados) quando tem a possibilidade de prover sua família

ou quando tem condições econômicas para constituir uma. Ele intitula de “masculinidade fragmentada” aquela que é “atingida pela falta de poder aquisitivo ou pelo baixo *status* sociopolítico, considerando que essa situação coloca os homens em condições para o adoecimento, já que, a fim de resgatar a auto-imagem, tenderão a apresentar comportamentos como excessiva coragem, sexualidade impulsiva, beber publicamente, violência etc., que os fragilizam sob os mais diferentes aspectos, social, emocional e orgânico” (p. 230).

Isto marca uma diferença relevante em relação às representações do trabalho feminino, tanto na percepção dos trabalhadores homens, quanto no das trabalhadoras mulheres, na medida em que esse trabalho feminino, ao contrário dos homens, surge como uma necessidade familiar que deve ser, na medida do possível, evitada, em que estar empregada, não necessariamente as converte em provedoras.

Isso ficou claro quando alguns de nossos entrevistados que compartilham dessa concepção de masculinidade disseram sentir-se valorizados enquanto homens por suas esposas exatamente em função de sua capacidade de prover a família, cabendo ao salário das mulheres servir apenas como um complemento. Em contrapartida outros disseram se sentir pressionados por suas mulheres para cumprir a função a que se tinham destinado (como se o ato do casamento fosse o comprometimento feito pelo homem de ser o responsável principal do bem-estar da família).

O certo seria o homem trabalhar e eu ficar em casa, porque ele ia chegar e encontrar tudo certinho. Ao contrário não [ela trabalhar e o marido cuidar dos afazeres domésticos], porque sempre foi assim: o homem tem que trabalhar e a mulher ficar em casa. Quando ele casou, ele se comprometeu a fazer isso [sustentar a família] (Michele, 40 anos, montadora).

Eu não tenho o que reclamar do meu marido. Ele é muito trabalhador e nunca faltou nada aqui em casa, apesar das dificuldades ele dá um jeito e eu o admiro muito por isso (Sandra, 43 anos, montadora).

ESPAÇOS MASCULINOS E FEMININOS NÃO INTERCAMBIÁVEIS

Além da necessidade de ter que assumir seu papel clássico de provedor da família a declaração de homem surge por meio também da negação do papel de dona de casa. Todos os entrevistados que se encaixam nessa categoria disseram que não seria normal e não gostariam que seus filhos fossem, no futuro *donos de casa* o que, para suas filhas, seria natural em todos os casos.

Eu não me importaria que minha filha fosse dona de casa. O filho eu já ia ficar meio chateado. Porque o homem tem que ser o esteio da casa, por exemplo, o homem tem que pôr a comida dentro de casa, tem que dar o respaldo pra toda a família (João, 49 anos, montador).

Não [quando perguntado se se importaria que sua filha fosse dona-de-casa]. Futuramente ela [filha] vai ser. [dona de casa] Ela vai ser uma dona de casa também. Se deus quiser! Já o meu filho não. Tem que puxar ao pai. Tem que trabalhar. Virar

gigolô não pode! Porque é aquilo que eu falei para você. Torna-se uma coisa meio chata, a mulher trabalhando e o homem dentro de casa. O homem... não, não! Tem que trabalhar! (Alberto, 46 anos, montador).

O meu filho tem que fazer alguma coisa na vida, não ficar parado, aí também não. Cuidar só da casa, sendo que realmente ele pode fazer outra coisa, aí não, aí não!! Sabe por quê? O homem tem que fazer alguma coisa, não ser submisso à mulher. O homem jamais tem que ser submisso à mulher! Não seria legal a mulher dele trabalhar e ele só cuidar da casa! E hoje em dia com a formação que ele tá tendo, pra ser alguém na vida. Ele vai ter que ter uma renda suficiente pra manter a família. Pra com fé em Deus a mulher dele não precisar trabalhar (Severino, 42 anos, testador de motor).

A divisão do trabalho familiar para os trabalhadores que se orientam por este tipo de modelo de relação e percepção se sustenta em uma nítida divisão dos espaços, funções e valores. As responsabilidades de homens e mulheres estão bem delimitadas. O trabalho doméstico é uma obrigação claramente feminina. A responsabilidade de provimento da família, evidenciado anteriormente, é uma motivação central dos homens ao trabalho remunerado. Estes trabalhadores atribuem um conceito altamente positivo (nos 14 casos, todos se dizem satisfeitos com seu trabalho, bem como com sua família. Além disso, todos disseram fazer exatamente o que seria justo em relação ao trabalho doméstico) em suas vidas graças a esse tipo de conformação familiar. Cíntia (47 anos, montadora) diz ordenar sua vida profissional (de trabalho) em função das suas obrigações e necessidades familiares, especialmente na criação dos filhos. A idéia é que um trabalho de tempo integral prejudica na educação e cuidados com os filhos.

Eu concordo que trabalhar é bom, sim. Mas realmente o que a maioria das mulheres querem é ter um lar e filhos pra cuidar. A mulher quer ter família, ela nasceu para isso. E se a mãe não está em casa, quem vai cuidar dos filhos. Trabalhar atrapalha a mulher sim! (Cíntia, 47 anos, montadora).

Mesmo tendo esposas em trabalho integral, essa idéia ainda permeia a posição masculina. Na fala abaixo, o entrevistado tenta justificar a condição da sua esposa trabalhadora como uma opção e não uma demonstração de que não estaria conseguindo dar conta da provisão da família.

Para minha mulher o trabalho é uma opção. Eu acho bom que ela trabalhe, porque ficar em casa, ela se sente presa, aí ela se obriga a trabalhar. Até acaba ajudando em casa [no orçamento] porque as coisas estão difíceis [economicamente]. Mas que fique claro que se ela não quisesse [trabalhar] eu daria conta! (Francisco, 50 anos, operador de manufatura).

Severino ratifica a posição dos papéis marido provedor/mulher dona-de-casa como uma prerrogativa que tem sido prejudicada pela condição econômica do país que obriga a esposa a contribuir com o orçamento familiar.

Eu gostaria que o homem não dependesse da mulher. Que a mulher não precisasse trabalhar. Aqui no Brasil existe muita desigualdade social. Se tivesse um salário digno, muita mulher não precisaria trabalhar (Severino, 42 anos, testador de motor).

Apesar da inserção da mulher no mercado de trabalho, motivada, grande parte das vezes, pelo fato do salário do homem não dar conta do sustento da família sozinho, esta repartição de tarefas (em que a administração da vida doméstica fica a cargo da mulher), tem se mantido num meio quase harmônico. Apesar da androgenização da esfera laboral, parece não ter havido substancial alteração da percepção acerca dos papéis de gênero de forma que a identidade masculina ainda está pautada na idéia de sustentadores da família, com o auxílio da mulher a esse projeto. Paulo, 40 anos, montador, diz que é graças à dedicação de sua esposa aos afazeres domésticos e sua segurança afetiva, que pode dedicar-se simplesmente e com tranqüilidade à sua atividade laboral. Celso, 51 anos, operador de máquinas, nos oferece outro argumento para explicar a conveniência deste arranjo familiar. Para ele a igualdade entre o casal, no que diz respeito às atribuições domésticas, tende a gerar conflitos e desestruturar a família. Ele afirma que as separações de casais ocorridas atualmente são resultado do desejo das mulheres casadas de terem um trabalho ou ocupações fora do lar.

Antes as separações eram poucas, porque as mulheres só trabalhavam se estavam solteiras, ou nem trabalhavam. Elas se dedicavam aos filhos, ao marido, aos cuidados com a casa. Hoje elas acham que o marido tem que lavar, passar, até cozinhar (Celso, 51 anos, operador de máquinas).

O ESPAÇO SIMBÓLICO DE HOMENS E MULHERES: O AMBIENTE DE TRABALHO

Alguns entrevistados chegaram a afirmar que o espaço de circulação das mulheres deveria se limitar, dentro do possível, ao ambiente doméstico do âmbito protegido do lar.

Quantas mulheres ficam fora de casa de “tititi”. Se não é pra não trabalhar, que fique dentro de casa, não do lado de fora de tititi. Porque em casa tem muito (com ênfase) o que fazer! (Severino, 42 anos, testador de motor).

Em relação a significados de gênero como estes ficou clara a noção de que os espaços de homens e mulheres não são intercambiáveis. Mais do que isso é um tipo de estrutura construída socialmente e entendida simbolicamente.

Esses espaços simbólicos espraiam-se para o ambiente de trabalho. Entre os entrevistados que se encaixam nessa categoria, oito (8) homens e as quatro (4) mulheres disseram que acharia estranho se suas esposas fossem suas chefes no trabalho ou se elas fossem chefes de seus maridos, no caso das mulheres entrevistadas e que isso poderia afetar a vida familiar. *Não se deve misturar as coisas* disse Cláudio, 48 anos, operador de máquina.

Além disso, todos (14) associaram o trabalho masculino ao trabalho sujo e pesado. Quando perguntados se as mulheres dariam conta de desempenhar suas tarefas, sete (7) homens ainda associaram seus trabalhos a operações complexas demais para serem realizadas por mulheres e três (3) a operações simples que *até as mulheres dariam conta de desempenhar*.

Na minha tarefa sim [quando perguntado se as mulheres dariam conta de desempenhar sua tarefa]. É uma tarefa simples, você entendeu? Não é uma tarefa difícil.

E pelo processo, por ser automatizado, é uma coisa moderna. Tá lá o computador indicando tudo. Quer dizer, se você apertar um botão errado lá ele vai te indicar. Por exemplo, você vai fazer um enchimento, você apertou o botão errado, ele vai esvaziar. Tem o botão de emergência, se tiver emergência ele vai providenciar uma ajuda. Então, por ser automatizado, não tem dificuldade nenhuma, as mulheres podem fazer (Severino, 42 anos, testador de motor).

Além disso, tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas associam o trabalho feminino às características naturais atribuídas a este sexo. Quando questionados sobre qual trabalho as mulheres fariam com maior eficiência a maioria identificou o trabalho feminino como mais simples e desqualificado além de ainda associá-lo com os afazeres domésticos.

Aqui em casa na verdade é tudo a mulher que faz, eu não faço nada! Às vezes eu acho que na cozinha. [onde a mulher deve realmente trabalhar] Na cozinha mesmo. A minha mulher trabalha e eu tenho que fazer o almoço: às vezes ela reclama do que eu faço. Não consigo fazer do jeito dela, então eu acho que naquela parte do fogão ali ela tem mais domínio do que eu. Fazer uma limpeza numa casa, um homem já passa um pano por cima e... (risos) (João, 49 anos, montador).

Na montagem [qual função a mulher desempenharia melhor], onde elas estão porque é uma coisa que tá ali, dia, dia, sempre arroz com feijão, só quando muda o tipo de motor às vezes muda alguma peça pra colocar no motor. Por exemplo, nós estamos montando o motor 1000. Já sabe o que vai. Que vela que é então é só apontar ela, aí a própria torqueadeira vai lá e complementa. Então não é um trabalho pesado. É um trabalho gostoso, entendeu? O tempo passa, rende. Em questão de segundos você está em outro posto. Tem aquela versatilidade de você estar em outro posto. Aí quando você vai ver já acabou o dia (Severino, 42 anos, testador de motor).

Nesse ponto, ficou evidente que para os nossos entrevistados, as mulheres deveriam trabalhar em postos cujo teor conservaria uma similaridade com o trabalho desenvolvido no lar com a identificação de 'sensibilidades' femininas para tarefas específicas simples e desqualificadas; ou simplesmente (e de preferência) ao confinamento à esfera privada da vida doméstica.

A noção de que o espaço doméstico é, ainda, função da mulher se concatena na atribuição das tarefas domésticas dos entrevistados homens com mais de 40 anos que disseram, em média, gastar 1 hora por dia em afazeres domésticos. Entre as 4 mulheres com idade superior aos 40 anos de idade, esse tempo sobe para 4 horas e meia por dia em média. A ocupação das esposas destes nossos entrevistados nesses mesmos afazeres perfaz em média 5 horas segundo eles mesmos. Para os maridos das nossas entrevistadas, segundo elas, esse tempo é de uma hora e meia ao dia, em média. Esse tempo difere, ainda, de acordo com as tarefas. Entre os homens a responsabilidade exclusiva por pequenos consertos domésticos ficaria a cargo dos próprios entrevistados, segundo estes, em 45,5% das vezes contra zero de suas esposas. Entre suas esposas, lavar e passar roupa e limpar a casa era tarefa exclusiva para 10 dessas (ou seja, as esposas de todos os entrevistados com mais de 40 anos). A tarefa compartilhada igualmente, que mais foi citada, foi a ida ao supermercado (citado 65% das vezes).

O que é mais interessante notar, é que para as nossas entrevistadas essas duplas jornadas são concebidas como natural. Michele foi a entrevistada com o discurso mais tradicional entre as mulheres. De acordo com ela, o trabalho doméstico é uma função feminina, mesmo quando a esposa trabalha. O trabalho remunerado (mesmo o metalúrgico) é uma consequência conjuntural que obriga a mulher a se expor ao mercado de trabalho, o que não a desobriga dos afazeres domésticos.

Acho que é a mulher que deve limpar a casa, cuidar da casa, lavar roupa. Ele [o marido] dar uma força tudo bem, mas a responsabilidade da casa tem que ser da mulher. A gente fica um pouco cansada, mas tudo bem, dá pra fazer tranqüilo [os afazeres domésticos] (Michele, 40 anos, montadora).

Nesse tipo de modelo, “as atividades dos adultos confirmam a ordem das coisas: o pai sai cedo pra trabalhar, regressa ao fim da tarde para tomar banho e comer e sai de novo para o café. A mãe, se não trabalha, permanece em casa e, se sai, é para o circuito das lojas e visitas a casas quase sempre de parentes”(VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 62). Como diz o autor, os homens verbalizam, quase sempre, mal-estar com a idéia de estar em casa, ou quando estão, cuidar dos afazeres de casa pode simbolizar dependência com relação à mulher, ou mais do que isso, a incapacidade de prover o sustento da família. “Em suma a domesticidade feminiza”(VALE DE ALMEIDA, 2000, p. 62).

Novas relações (?) E o discurso híbrido em relação às identidades de gênero: a geração flexível?

Eu ajudo bastante em casa. Muitos homens se acham machistas. Falam que “ah, mulher é para ficar dentro de casa, na frente de pia, lavando louça, lavando roupa, arrumação de casa”. Eu não vejo nada disso. Eu acho que em casa deve ser tudo dividido de acordo com a possibilidade de cada um (...) Agora, é claro que o trabalho [remunerado] prejudica as mulheres um pouco porque ela acaba não tendo tempo para ela mesma. Você sabe que todas as mulheres são vaidosas e querem ter o tempo delas. É diferente dos homens, onde a única coisa que importa é o trabalho (Capixaba, 36 anos, montador).

Foi possível encontrar trabalhadores que se inserem num tipo de “versão modernizada do modelo” tradicional anteriormente descrito. Casos em que a mulher é aceita no trabalho em determinadas circunstâncias, como por exemplo, quando não há filhos para serem criados, ou devam ajudar no orçamento doméstico quando em conjunturas de crises econômicas, ou arrocho no salário do marido. Entre nossos entrevistados, vinte, sendo quatorze (14) homens e seis (6) mulheres, podem ser inseridos neste tipo de arranjo perceptivo. Entre estes, quando ambos são obrigados a se inserir num trabalho remunerado, as tarefas domésticas acabam se tornando uma obrigação compartilhada entre esposo e esposa e a masculinidade ainda é pautada no trabalho estável e registrado do homem.

É interessante citar, como bem lembra *Escobar* (1998), que nos países da América-Latina em boa parte do século XX (principalmente após a década de 70), a reprodução das famílias foi possível graças ao emprego de vários membros da unidade doméstica, de forma que o “homem-provedor” único seria quase um mito já há muito tempo. Para ele, a capaci-

dade masculina real de ser provedor exclusivo se construiu, no entanto, como um modelo legítimo de forma geral, porém válido apenas para uma minoria de homens.

Nos casos em que encontramos situações em que a mulher trabalha, sobretudo devido às condições econômicas, pôde-se observar a convivência de visões tradicionais – em que o marido pleiteia a condição de provedor apesar de entender que as tarefas domésticas não o comprometerão enquanto homem – junto a práticas que cotidianamente os contradizem. Nestas ocasiões, em geral, as concepções acerca dos papéis masculinos e femininos e a percepção de masculinidade têm se transformado – ainda que de forma muito modesta – e sido justificadas de diferentes formas pelos nossos entrevistados.

Há que se ressaltar, antes de qualquer coisa, que as principais características neste tipo de categoria agregam, de forma geral, a) homens e mulheres entre 30 e 39 anos; b) o trabalho do marido enquanto responsável, se possível, pelo sustento da família; c) o trabalho doméstico uma obrigação compartilhada devido, principalmente, ao fato do casal trabalhar fora e; d) a masculinidade se pauta, quase sempre, pelo trabalho economicamente do homem.

NOVAS RELAÇÕES, VELHOS DISCURSOS

Um de nossos entrevistados, Marcelo, 31 anos, inspetor de qualidade, filho de pai metalúrgico e mãe empregada doméstica, disse que o pai sempre lhe impôs a necessidade de trabalhar no setor industrial. Segundo ele, a sua infância foi prejudicada pela necessidade de trabalhar fora e que já fazia isso desde os seus 14 anos, quando começou a trabalhar como empacotador em um supermercado da região. Para ele, apesar de ter sido criado numa estrutura familiar em que a mãe se responsabilizava pelos afazeres domésticos, há a necessidade, atualmente, de se dividir um pouco mais as responsabilidades familiares, principalmente porque sua esposa também trabalha. Entretanto acha que seu valor enquanto homem estaria prejudicado se estivesse desempregado, ou se seu salário fosse muito menor que o de sua esposa.

Você não querer trabalhar não é legal, porque as tarefas com relação aos recursos financeiros pra casa têm que ser de responsabilidade do homem. A mulher pode ser um complemento, mas não ser ela a que tem que se responsabilizar com isso (Marcelo, 31 anos, inspetor de qualidade).

Além disso, se refere ao trabalho remunerado de sua esposa como um sacrifício por parte dela devido a uma incapacidade sua de conseguir um trabalho melhor.

Eu seria muito mais feliz se ela [esposa] tivesse a opção de trabalhar ou não. Ou então, trabalhar em alguma coisa que ela goste mais, mesmo ganhando pouco, mas infelizmente eu não posso dar esse direito a ela (Marcelo, 31 anos, inspetor de qualidade).

Marcelo, diferente dos trabalhadores mais velhos entrevistados, tem a imagem de que não ajudar nos afazeres domésticos é machismo e que não é em casa que se constrói ou se desmoraliza um homem, mas sim a possibilidade de ter um trabalho que lhe gere recur-

sos e garanta uma independência financeira de forma a poder suprir as necessidades de sua família.

Eu me senti homem quando eu comecei a trabalhar e não depender mais do meu pai e da minha mãe pra ter que comprar as minhas coisas. A partir desse momento minha vida teve um rumo diferente. Até da parte deles [dos pais] teve um respeito diferente. Mudou até o relacionamento entre pai, mãe e filho, porque eu sabia que poderia ter minha própria família (Marcelo, 31 anos, inspetor de qualidade).

Na fala abaixo, Carlos, 33 anos, operador de máquina, filho de pai metalúrgico e mãe dona-de-casa, tenta justificar a condição da sua esposa trabalhadora como uma opção e não uma demonstração de que não estaria conseguindo dar conta da provisão da família.

Depende dela [se é necessário a mulher trabalhar], porque geralmente a mulher não precisa trabalhar. No meu casamento ela não precisa trabalhar. Só que o que acontece? Você fica em casa de dia, você se sente preso, então é onde ela se obriga a arrumar um serviço pra distrair mais um pouco (Carlos, 33 anos, operador de máquina).

A fala de Carlos se contradiz, quando ele diz que sua esposa não precisa trabalhar (Carlos, assim como outros nove entrevistados, ainda se considera o chefe da família) e logo depois defende o trabalho da mulher como sendo responsável, também, pelo sustento da casa.

A minha mulher é uma batalhadora. Se não fosse por ela [estar no mercado de trabalho] não sei o que ia ser da minha família. A gente sustenta a família, juntos e divide as tarefas [domésticas] juntos (Carlos, 33 anos, operador de máquina).

Além disso, Carlos deixa claro que, apesar da dificuldade inerente dos homens para com as tarefas domésticas (“a mulher tem mais habilidade no trato com a casa” disse ele), há a necessidade do auxílio masculino nos afazeres do lar que já não são “funções só das mulheres”.

Apesar da fala (e da realidade) demonstrar o contrário, nestas famílias, os homens se referem ao trabalho de suas companheiras como uma opção, uma espécie de ‘segundo ingresso’, ou como trabalho adicional ao principal. Nestes casos, tende-se a dar prioridade à carreira do homem, o que reflete na persistência da concepção da provisão familiar como uma responsabilidade, ainda, eminentemente masculina.

Flávia, 36 anos, montadora, filha de pai mecânico e mãe dona-de-casa, disse que aprendeu com sua mãe que a mulher não deve ficar apenas com as responsabilidades dos afazeres domésticos, mas sim tentar um bom emprego “para não depender do homem em tudo”.

Acho que a mulher tem que trabalhar. O tempo vai passando, você vai ficando sem saber como o mercado de trabalho está, eu acho que você fica sem informação nenhuma. Eu já tenho pouco tempo pra ficar em casa com eles [filhos]. Mas pra dar uma vida melhor pra eles [filhos], pra você comprar uma coisa assim, supérflua para você mesma, você tem que trabalhar (Flávia, 36 anos, montadora).

Nota-se como nossa entrevistada identifica seu trabalho como algo que agrega, que soma ao salário do marido e que seu próprio salário seria responsável, entre outras coisas,

em comprar “coisas supérfluas”. A responsabilidade de suprimento da casa ainda ficaria a cargo do marido. Dentro de casa, as responsabilidades deveriam ser, se possível, compartilhadas, o que faria com que o homem se tornasse “admirável” por entender a necessidade do trabalho da mulher.

Dentro dessa concepção, tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas, vêm na estabilidade econômica a maneira ideal de inserção do trabalho masculino como forma de proporcionar à família seu sustento. Dessa maneira, muitos empreendem atividades de formação profissional, voltam a estudar ou cursam uma faculdade (geralmente noturna e paga) no intuito de esperar melhores oportunidades.

Dentre nossos entrevistados inseridos dentro desse esquema de percepção, 11 (onze) dos homens (de um universo de 14 homens) estavam cursando algum tipo de curso técnico (ou cursaram nos últimos 12 meses), sendo que quatro deles cursavam faculdade. Além disso, vários citaram cursos de inglês, liderança e computação. Já entre as mulheres, nenhuma estava cursando qualquer curso ou faculdade (todas as seis (6) haviam feito cursos de treinamento dentro da empresa, os quais eram obrigatórios). Este fenômeno denota a preferência dada pelos nossos trabalhadores ao trabalho do esposo.

Às mulheres coube uma visão de si mesmas como esposas e mães trabalhadoras, com uma identidade social centrada na maternidade. Entendem o trabalho remunerado como expressão também de sua preocupação pelos filhos. Quando perguntadas quais seriam as condições ideais de uma mulher com filhos, todos disseram que a mulher não deveria trabalhar com filhos pequenos e trabalhar em meio período com os filhos nos primeiros anos da escola (mesmo as seis mulheres). Há que se ressaltar, contudo, que neste caso, diferente das mulheres com mais de 40 anos, o seu papel de mãe dona-de-casa, não está dissociado do papel de trabalhadora. Antes, há a necessidade de conciliar estas duas esferas. Regiane, 37 anos, montadora, filha de pais lavradores, disse que até gostaria de fazer algum curso técnico ou uma faculdade para melhorar no trabalho, mas o cuidado com sua filha de um ano de idade demanda muito tempo. Segundo ela, a possibilidade de colocar a filha numa creche, ou quando a filha estiver mais velha, lhe possibilitará realizar seus objetivos profissionais.

O mundo de hoje exige a presença da mãe no cuidado com os filhos. Se o filho virar drogado a culpa é da mãe. O pai tem que ajudar [a cuidar dos filhos], mas essa é uma função materna. Se meu marido não ganha o suficiente eu tenho que trabalhar, e como eu sei que as coisas estão mudando, eu quero me aperfeiçoar, que é pra dar uma vida melhor para o meu filho (Regiane, 37 anos, montadora).

Godoy (2001), ao estudar as relações de trabalho entre famílias no Chile, nota — a partir da revisão bibliográfica que fez sobre o tema — que o fenômeno da preferência ao trabalho remunerado do homem é uma característica de vários países, pelo menos até os anos 90. De acordo com ela, a bibliografia aponta para famílias estruturadas em torno do projeto laboral do homem, o que nem sempre obedece às maiores capacidades de gerar fontes de renda destes. Segundo ela, diversos estudos apontam para trabalhadoras cujos recursos excedem amplamente ao de seus maridos, além destas trabalharem em tempo integral, porém, estas mesmas mulheres adaptam seus compromissos profissionais em função das necessidades familiares.

Arango (1998) expõe que esta aparente “cooperação” por parte das mulheres operárias ao projeto profissional do marido não se dá sem problemas. Suas observações nos levam a concluir que há uma adaptação, por parte dessas mulheres, ao “mal menor”, diante da ausência de alternativas. O impacto da inserção laboral das mulheres sobre a dinâmica familiar e sobre o fortalecimento de suas capacidades de agirem como agentes transformadoras, segundo ela, recebe respostas bastante pessimistas, com uma espécie de esperança nas gerações de mulheres mais novas, nas quais elas ainda não estão inseridas. Neste momento, as mulheres ainda não se sentiriam responsáveis pela mudança nos papéis ou pelo ambiente doméstico enquanto espaço de negociação, conflito e confrontação, mas haveria a expectativa de que isso ocorresse um dia.

No nosso caso essa contenda aparece atenuada por uma espécie de conciliação dos espaços domésticos. Suas expectativas frente ao matrimônio se mantêm dentro dos padrões sociais dominantes, esperando que o marido cumpra com essas expectativas, porém, como isso não ocorre, elas se “inserem” nesse tipo de relação se sujeitando à dominação patriarcal, desde que os maridos as incentivem no mercado de trabalho e as ajudem com os afazeres domésticos.

Se eu dissesse que a função do homem é ganhar dinheiro e a da mulher cuidar da casa e da família eu estaria andando para trás. Só que se meu marido ganhasse dois mil reais eu não iria trabalhar. A função do homem é ganhar dinheiro e da mulher tomar conta da educação dos filhos. Em relação à casa, eu poderia pagar uma empregada. Mas já que tudo isso não acontece e eu pretendo dar uma vida melhor para o meu filho, é mais do que justo que meu marido me apóie [em relação ao trabalho] e me ajude em casa (Ana Paula, 35 anos, montadora).

Neste caso, o que parece ser “natural”, (apesar de na realidade os espaços e papéis evidenciarem o inverso), as relações de gênero nos espaços domésticos do trabalho acabam soando como um processo dinâmico, em que se evidencia a necessidade de transformação dos espaços e, por conseqüência, as alterações nas identidades de gênero.

NOVAS RELAÇÕES, DISCURSO TRANSFORMADOR

Esse discurso conservador, que na verdade pretende ser transformador, pôde ser percebido em algumas entrevistas que exemplificam de maneira mais fiel o discurso híbrido de homens e mulheres entre 30 e 39 anos. Essa característica é bem exemplificada no perfil de Alexandre, 31 anos, eletricista de manutenção, pai eletricitário e mãe dona-de-casa.

Alexandre tem uma trajetória um pouco diferente dos outros entrevistados dessa faixa etária. Diferente dos demais, interrompeu seu trabalho (disse que começou a trabalhar desde os 13 anos de idade) para cursar física na Universidade de São Paulo – USP. Formado, Alexandre cursa atualmente mais um curso na USP – Matemática. Para ele, as tarefas domésticas devem ser divididas igualmente, uma vez que a mulher está ocupando seu espaço no mercado de trabalho. As novas formas de relação que Alexandre presenciou e assumiu na Universidade lhe trouxeram “novas experiências com pessoas de diferentes formações”.

Essa estrutura de oportunidades parece ter tido um forte caráter transformador na identidade de gênero associada ao trabalho para Alexandre. A esse respeito, *Watson* (1995) desenvolveu um trabalho interessante. A partir de uma ampla revisão bibliográfica, o autor explorou as várias facetas do trabalho, em seu significado, experiência e identidade. Empreendeu algumas questões como cultura, comportamento, orientação (perspectivas internas e externas), estruturas de poder e contexto social. Para o autor, todos esses fatores contribuem para a transformação da percepção dos trabalhadores, com conseqüente influência sobre o comportamento no trabalho. O autor também explorou a abrangência e o impacto dos fatores que influenciam a trajetória do indivíduo, ressaltando a interação dos fatores objetivos (estruturais e conjunturais) e subjetivos (valores e habilidades individuais). Ele depreende, também, que o relacionamento no local de trabalho envolve um acordo tácito entre empregadores e empregados e que isso influencia nas dimensões culturais, como por exemplo, a interação e os alcances entre as experiências do trabalho com características exógenas ao local de trabalho (gênero, mobilidade, lazer, situação de desemprego).

Ou seja, Alexandre se insere numa estrutura de oportunidade mais abrangente que significou experiências no relacionamento laboral distintas das assumidas pela maioria dos trabalhadores metalúrgicos de chão-de-fábrica, o que fez com que assumisse comportamentos mais transformadores em relação à divisão sexual do trabalho e à percepção da identidade masculina.

Para Alexandre, o salário do homem não influencia em nada, podendo ser menor ao da mulher sem conseqüências para o relacionamento doméstico. Além disso, disse que não se importaria se sua esposa fosse seu chefe no trabalho, ou mesmo se fosse responsável única pelo sustento da família. O relacionamento com os filhos, no seu entender, prejudica um pouco o papel da mulher enquanto mãe, mas com sua ajuda não haveria maiores problemas. Segundo ele, um homem se constrói pela “dignidade e valores”. Em determinada parte da entrevista, Alexandre associou essa dignidade e esses valores ao senso crítico, que construiria um homem e lhe daria condições de desenvolver alguma coisa, e não ficar em casa sem fazer nada. Essa “alguma coisa” de Alexandre pôde ser entendida no final da entrevista, e refere-se exatamente ao trabalho estável (com carteira assinada) que dá a “dignidade da oportunidade do homem assumir responsabilidades de uma família”. Quando perguntado quando se sentiu um homem, ele respondeu:

“Quando minha mãe falou para mim que estava na hora de trabalhar, porque eu não iria passar em faculdade nenhuma. No meu primeiro emprego eu tive que mudar de cidade, morar em república. Mesmo eu sendo o mais novo da república era eu quem assumia as contas de água, aluguel, luz, compras. A partir do momento que eu via os mais velhos não fazer nada - e na época eu tinha 18 anos - e tinha cara que tinha 35 e deixava tudo largado. A partir daí eu sempre tive responsabilidade e vi que dava para comandar [grifou meu] uma casa” (Alexandre, 31 anos, eletricista de manutenção).

Apesar do perfil diferenciado do nosso entrevistado, e do discurso pouco conservador em relação às divisões do trabalho, sua masculinidade se baseia totalmente no trabalho produtivo e estável que lhe garante o “comando” da casa. Na hora de imaginar um modelo

familiar, Alexandre disse claramente “um pai, que tem um bom emprego de carteira assinada e de preferência numa grande empresa”.

A fala de Célia, 35 anos, montadora, filha de pai e mãe metalúrgicos, nos proporciona uma dimensão concatenada dessa perspectiva. A entrevistada entende seu trabalho na fábrica em termos de importância familiar ‘exatamente igual ao de seu marido’. Para ela, o trabalho economicamente produtivo é hoje uma esfera, tanto feminina quanto masculina, justificada não somente pela necessidade familiar em agregar valores salariais, dada a atual conjuntura econômica, mas também um espaço que a mulher galgou, transpondo limites antes impensados na estrutura familiar.

Hoje, me sinto realizada com meu trabalho. Posso dizer que me sinto tão importante quanto meu marido, pois divido quase tudo com ele. Ele [marido] ao contrário, também divide quase tudo aqui em casa [em relação aos afazeres domésticos]. A minha mãe trabalhava, mas imagina de meu pai ajudar lá em casa (Célia, 35 anos, montadora).

Célia discorre com esse discurso por praticamente toda a entrevista, mas quando perguntada se ela se sentiria confortável se apenas ela trabalhasse e seu marido se ocupasse dos trabalhos domésticos ela respondeu:

Não [sentir-se confortável]. Acho que atrapalharia a harmonia que temos hoje em casa. Ele teria que me pedir dinheiro e isso não é certo. Acho que o homem tem que ter a independência dele. Homem sem fazer nada, não dá! Ainda bem que ele trabalha [o marido de Célia também é metalúrgico], tem carteira assinada, trabalha numa fábrica grande como eu. Graças a isso que temos essa harmonia em casa (Célia, 35 anos, montadora).

Célia, assim como Alexandre, se insere em parâmetros menos clássicos, já apontando para mudanças nas atribuições dos papéis de gênero, em que o trabalho feminino é totalmente aceitável, mesmo se apresentando como uma expressão da vontade da mulher. Contudo, sua fala está arraigada, ainda, a experiências tradicionais, principalmente no que concerne à construção da identidade masculina.

Para o meu filho se tornar um homem acho que é preciso que ele trabalhe muito, de preferência numa grande empresa, pra ele poder dar estabilidade pra família, segurança para os filhos. Se eu tivesse uma filha, gostaria que fosse a mesma coisa (Célia, 35 anos, montadora).

Os termos “pai”, “carteira assinada”, “emprego em grande empresa”, proferidos por outros entrevistados, demonstram como o recorte geracional (na faixa dos 30 aos 39 anos) ainda influencia os trabalhadores na perspectiva *Taylorista/fordista* de maneira decisiva.

Ressalta-se que em nenhum momento relacionou-se perspectiva de futuro e projeto de vida a trabalho, tampouco estável. No entanto, em quase todos os casos as respostas no que diz respeito às perspectivas de futuro relacionaram-se ao trabalho estável. Cabe, desta forma, destacar que o sentimento geral de insegurança entre nossos entrevistados resultantes do desemprego e da instabilidade parece atuar, segundo os próprios entrevistados, como um fenômeno que pode afetar de maneira mais decisiva as gerações mais recentes, e

que eles (os entrevistados) ainda gozam de certa “estabilidade” (daí a necessidade de se manterem no seu trabalho e se aperfeiçoarem para isso), de maneira que nosso conjunto de entrevistados nessa faixa etária ainda vê no emprego formal e institucionalizado a representação ideal de trabalho e, apesar da divisão sexual do trabalho doméstico estar se reconfigurando, o modelo de masculinidade orbita em torno do ‘homem – chefe de família’, estável e que ajuda nas tarefas domésticas. Além disso, esse homem apóia determinados projetos profissionais de suas esposas, sendo o trabalho da mulher, se não tão importante quanto o seu, não mais uma ameaça.

A RELAÇÃO DE TRABALHO FLEXÍVEL: HOMENS E MULHERES PODEM SER PROVIDORES E ASSUMIREM TAREFAS DOMÉSTICAS

Eu não gostaria que minha filha fosse, no futuro, dona-de-casa. Acho que a mulher tem que estudar, trabalhar pra se sentir útil, desenvolver suas aptidões. Apesar de ser opção deles [filhos], eu gostaria que tivessem obrigações compartilhadas com seu marido ou esposa, mesmo dentro de casa. É uma questão de oportunidades e acordos. (Cristiane, 24 anos, auxiliar financeira).

A literatura sociológica do trabalho tem apontado para uma série de transformações econômicas, sociais e culturais nas últimas décadas que têm impactado sobre o tipo de inserção laboral tradicional com conseqüências ao modelo de divisão sexual do trabalho predominante até então. Esse pareceu ser o caso em que se inserem nossos entrevistados com até 29 anos de idade (8 entrevistados, sendo 6 homens e 2 mulheres).

É nesse contexto que se configura uma nova categoria geracional entre nossos entrevistados. Entre suas características, destacam-se: a) o entrevistado mais velho dessa divisão tem 28 anos; b) o trabalho é encarado enquanto satisfação pessoal e independe do sexo; c) o trabalho doméstico é considerado uma obrigação compartilhada; e d) a masculinidade se edifica não só pelo trabalho economicamente produtivo (apesar de se apresentar como um fator, ainda, importante), mas, também, por características valorativas relacionadas à adaptação a um ambiente que se apresenta agressivo.

A expansão dessas novas formas de trabalho, ao mesmo tempo em que alija boa parte dos trabalhadores das relações de trabalho tradicional, gera uma maior mobilidade laboral, ou seja, com a crescente instabilidade nas formas de trabalho e emprego, os trabalhadores já não se arraigam a um único trabalho como projeto de vida. Nesse contexto, estabelecem-se novas relações laborais, fixação do trabalhador, etc., que têm levado a uma individualização das relações de trabalho (GODOY, 2001), o que nos coloca frente a uma nova categoria de trabalhadores no que se refere à divisão de trabalho doméstico e à percepção da masculinidade.

VALORES E COMPORTAMENTOS MAIS RECENTES

Essa organização flexível do trabalho tem fomentado valores específicos que demandam comportamentos no mundo do trabalho distintos daqueles incentivados num ambiente

taylorista/fordista. A vontade de expor-se a um ambiente de trabalho que se mostra cada vez mais incerto e flexível deu o tom das respostas dos nossos entrevistados.

Pedro, 28 anos, solteiro, operador de máquinas, filho de pai dono de uma mecânica de automóveis e mãe dona-de-casa, vem de uma família humilde, foi criado num ambiente com valores extremamente tradicionais em relação à divisão sexual do trabalho. Além disso, Pedro diz que foi incentivado pelo pai ao trabalho desde cedo, para ajudar no orçamento familiar. Segundo ele, aprendia do pai que o trabalho é a parte mais importante, o papel primordial que um homem de verdade deve exercer. Pedro, contudo, logo contesta o valor que lhe foi transmitido pelo pai, dizendo que tais “valores não mais se encaixam nos dias atuais” e todos (inclusive as mulheres) devem se preparar para um ambiente de trabalho mais competitivo.

Eu acho que hoje o trabalho não é mais coisa de homem, como dizia meu pai, e sim uma questão de oportunidade. Eu acho sim [quando perguntado em relação ao trabalho da mulher] que falta mais oportunidades para elas, porque dá a impressão que há mais restrição ao trabalho da mulher. Hoje em dia todo mundo tem um emprego. Na situação que vive o país hoje, não dá para uma pessoa única trabalhar e manter uma família. Aliás, acho que nem deve mais ser assim [o homem ser o responsável pelo sustento da família]. (Pedro, 28 anos, operador de máquinas).

Pedro cursa a faculdade de engenharia de produção, como forma (segundo ele) de se preparar para um mercado “muito competitivo, que exige um trabalhador mais versátil e que pode se adaptar em várias colocações [de trabalho]”. Para ele, as mulheres não só podem como “devem” se preparar também para essas situações “incertas”. Ele acha, porém, que não se tem dado as mesmas oportunidades às mulheres quanto aos homens, mas que essa situação tem melhorado porque as mulheres mais jovens têm se preparado, “curando faculdade, fazendo cursos de línguas, etc.”. Quando perguntado se ele se importaria que sua esposa [eventualmente, uma vez que Pedro é solteiro], fosse chefe no trabalho ou recebesse um salário muito maior ao seu, ele respondeu:

Não! Eu não me importaria. Hoje em dia é oportunidade. Se ela teve uma oportunidade, e conseguiu, sem problemas! Até acho que, provavelmente, ela teria se preparado mais para isso [conseguir um trabalho com bom salário], foi mais esperta e deve ser minha chefe e receber um salário melhor do que o meu (Pedro, 28 anos, operador de máquinas).

Cabe ressaltar, antes de darmos prosseguimento, que Pedro se encaixa num perfil em que o modelo tradicional “homem-provedor” *versus* “mulher –dona-de-casa” não mais representa a estrutura convencional de relações familiares e de divisão sexual do trabalho).

Entre nossos entrevistados mais jovens (entre eles Pedro), assinala-se não mais a meta de conseguir um trabalho estável a todo custo. Uma das razões é a valorização da liberdade em buscar novas oportunidades de trabalho que lhe tragam novas satisfações e lhe garantam um *status* diferenciado na sociedade, em função, sempre, de interesses de desenvolvimento pessoal.

MAIOR INTERCAMBIALIDADE DOS ESPAÇOS DOMÉSTICOS: O ECONÔMICO E O FAMILIAR MENOS SEPARADOS

Os entrevistados mais jovens concebem as identidades de gênero em relação à divisão das tarefas domésticas um campo onde homens e mulheres podem atuar, sem comprometimento da masculinidade. Nesse caso, ambos podem participar das esferas produtivas e reprodutivas do ambiente familiar. Além disso, o casamento, enquanto instituição familiar, apesar de ainda ser encarado como o comportamento “correto e normal”, tem dado espaço aos projetos individuais de cada um, o que tem aberto espaços de discussão e favorecido o estabelecimento de relações mais centradas na possibilidade de desenvolvimento individual de ambos os membros (esposo e esposa), o que se pode traduzir em oportunidades recíprocas.

Nesse caso, o trabalho feminino tende não mais a ser identificado enquanto simples e desqualificado, ou associado a tarefas domésticas. Ao contrário, parece haver um aumento de mulheres em ocupações antes tidas como masculinas, tanto no ambiente de trabalho quanto doméstico.

O discurso de Vera, 27 anos, casada, mecânica, filha de pai vigia noturno e mãe costureira, pode ser um exemplo que nos subsidia a fazer a inferência sobre o estreitamento da divisão sexual do trabalho. Vera diz que seu sonho sempre foi mexer com máquinas, “com graxa mesmo”. Com cursos em técnico em mecânica pelo SENAI, computação e metrologia, Vera entrou na fábrica, ainda como montadora, e só depois de um ano virou mecânica, graças à indicação de um amigo que se tornou chefe do setor de manutenção. Na época da entrevista, Vera trabalhava na manutenção de lâminas, colocação de peças nas máquinas, etc., Isso significava, segundo ela, trabalho bem sujo e pesado. Além disso, a entrevistada disse que ainda sofria preconceito, principalmente de mulher, por trabalhar numa função que era desenvolvida sempre por homens.

Em sua casa, disse que as tarefas domésticas são divididas igualmente (o marido de Vera também é metalúrgico e tem 29 anos). O cuidado com os filhos foi dito ser função compartilhada. Segundo ela, apesar da criação “necessitar mais da mãe”, o marido deve ajudar.

O que parece, é que um fator que influencia as transformações na percepção de gênero em relação à divisão sexual do trabalho é um discurso social de igualdade entre homens e mulheres que tem incentivado o questionamento das identidades de gênero, possibilitando concepções diferentes sobre o papel masculino e o feminino em relação ao trabalho. Além disso, a maior presença das mulheres num mercado de trabalho flexível que exige comportamentos mais flexíveis, parece influenciar a percepção dos trabalhadores com efeitos diretos na identidade masculina. Isso porque têm se germinado novas formas de relação familiar que, junto aos contatos a novas formas de inserção familiar – laboral (por meio do discurso midiático, apesar de ainda muito conservador, ou mesmo por contatos diretos), tem se configurado um novo tipo de arranjo perceptivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que há um recorte geracional claro, que delimita a posição dos trabalhadores em relação à divisão do trabalho e sua expectativa em relação à sua identidade

de gênero. Notamos que os trabalhadores mais velhos, inseridos no mercado de trabalho formal já há algum tempo (os entrevistados tinham, em média, dez anos de trabalho na mesma empresa), e envolvidos de maneira mais intensa numa conjuntura *taylorista/fordista* de pleno emprego, ainda vêm no mercado de trabalho formal, estável e com carteira assinada, a via de acesso única na estruturação laboral/familiar e na construção e valorização da identidade masculina. Nestes termos, a divisão sexual do trabalho é clara: homem-trabalhador *versus* mulher-dona-de-casa e a masculinidade se alicerça de maneira intensa no papel de provedor do marido.

Entre os trabalhadores na faixa dos 29 aos 39 anos de idade verificou-se a presença de um discurso de igualdade entre homens e mulheres, um pouco maior do que entre os trabalhadores mais velhos. Foi possível encontrar casos em que a mulher é aceita no trabalho em determinadas circunstâncias, especialmente quando em conjunturas de crises econômicas, ou arrocho no salário do marido. Neste caso, foi possível identificar em algumas das entrevistas o incentivo à controvérsia sobre os papéis de gênero tradicionais.

Finalmente, há aqueles trabalhadores que se inserem de maneira mais ampla numa lógica de transformações do mundo do trabalho, sobretudo os processos de flexibilização, subcontratação, terceirização e trabalho instável. Parece que essa expansão de novas formas de trabalho tem gerado uma maior mobilidade laboral com crescente instabilidade nas formas de trabalho e emprego em que os trabalhadores já não se encaixam num modelo único de trabalho como projeto de vida.

Ao que parece, esse contexto tem influenciado algumas transformações na percepção de gênero em relação à divisão sexual do trabalho e um discurso social de igualdade entre homens e mulheres que tem incentivado o questionamento da construção da masculinidade relacionada ao homem provedor. Além disso, a maior presença das mulheres num mercado de trabalho que se mostra flexível e que exige comportamentos mais flexíveis, parece influenciar a percepção dos trabalhadores com efeitos diretos na identidade masculina. Isso porque têm se germinado novas formas de relação familiar, que junto aos contatos a novas formas de inserção familiar-laboral, tem-se configurado um novo tipo de arranjo perceptivo em que a masculinidade também se caracteriza por valores relacionados à adaptação a um ambiente que se apresenta agressivo sem, contudo, abandonar a esfera de trabalho enquanto fator preponderante na construção da identidade masculina.

BIBLIOGRAFIA

AGNELLI, Claudia *et al.* *A família nos livros didáticos*. USP: ECA, Edição de Livros Didáticos e Paradidáticos 2º sem. 1999. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/motilia/dyniy/didatico/analises/familia.rtf>> Acesso em: 22 mar. 2007.

ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.

ARANGO, Luz. G. Família, trabajo y identidad de gênero. Analogias y contrastes entre categorías socioprofesionales en América Latina. In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice Rangel de Paiva. *Gênero e trabalho na América Latina*. Rio de Janeiro: ALAST, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

- ESCOBAR, Agustín. Los hombres y sus histórias. Reestructuración y masculinidad en México. In: ABRAMO, Laís; ABREU, Alice Rangel de Paiva. *Gênero e trabalho na América Latina*. Rio de Janeiro: ALAST, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GODOY, Lorena. Cambios en el mercado de trabajo y relaciones de pareja: el punto de vista de los hombres. In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología — ALAS, 23, 2001, Antigua, Guatemala. *Anais*, 2001.
- GONDIN, Linda M. P.; LIMA, Jacob C. *A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso*. João Pessoa: Coleção Sociologia, 2002.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- JIMENEZ, Luciene; LEFÉVRE, Fernando. Desafios e perspectivas: desemprego e masculinidade. *Interação em Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 227-235, jul./dez. 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, Abrasco, 1992.
- MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. *Revista Teoria e Pesquisa*, São Carlos, n. 47, p. 9-41, 2005.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- PERTICARRARI, Daniel. *Foi com o trabalho que me tornei homem: trabalho, gênero e geração*. 2007. 164f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFSCar, São Carlos, 2008.
- POTUCHECK, Jean L. *Who supports the family? Gender and breadwinning in dual earner marriages*. Califórnia: Stanford University, 1997.
- WATSON, T. James. Work: meaning, opportunity and experience. In: *Sociology, work and industry*, Londres e Nova Iorque, Routledge, cap. 4, p. 111-143, 1995.